



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO EM GRADUAÇÃO – PROGRAD
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC CAMPUS VII**

RAYNE LIBÓRIO DE LIMA

**ASPECTOS EDUCATIVOS CONSTRUÍDOS
EM UMA FILARMÔNICA**

**Senhor do Bonfim
2010**

RAYNE LIBÓRIO DE LIMA

**ASPECTOS EDUCATIVOS CONSTRUÍDOS
EM UMA FILARMÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UNEB
– Universidade do Estado da Bahia, como requisito
parcial para conclusão do Curso de Pedagogia com
habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Batista Machado

Senhor do Bonfim
2010

RAYNE LIBÓRIO DE LIMA

**ASPECTOS EDUCATIVOS CONSTRUÍDOS
EM UMA FILARMÔNICA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à UNEB – Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para conclusão do Curso de Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais.

Aprovado em ____/____/2010.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Batista Machado
Orientador

Membro 2

Membro 3

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Lúcia, aos meus irmãos, Raynilson, Raynara e Nadja e a minha filha Luádia Mabel que com muito amor e carinho, acreditaram nos meus ideais, dando-me apoio e estímulo constante, com paciência e compreensão. A meu namorado Tiago Bezerra que compartilha comigo as ansiedades na busca das realizações profissionais e pessoais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, que me deu a sabedoria e persistência para trilhar o caminho do saber, pelo dom da vida, pelo dia de hoje e pelo futuro.

Ao orientador Prof. Paulo Machado, pelo dinamismo e autenticidade em sua orientação.

A todos aqueles que contribuíram para que eu chegasse até aqui, ajudando a trilhar o longo caminho percorrido no transcorrer do curso de pedagogia. Em especial a Ivomar Gitano Silva.

Com admiração ao Sr. Paulo Pereira de Alencar presidente da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses por sua disponibilidade e amor dedicado a referida entidade.

Aos verdadeiros colegas Orlandino Rocha, Carla Ione, Lucimar Batista e todos que sempre estiveram ao meu lado me dando motivação necessária ao meu crescimento.

“É melhor tentar e falhar que preocupar-se em ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz embora louco, que em conformidade viver”.

Martin Luther King

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso tem como objeto a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses, considerada enquanto espaço histórico-educativo. Destacam-se como principais objetivos o resgate histórico da Filarmônica nascida e mantida em um bairro nascido em torno da então Rede Ferroviária Federal realizada a partir de um paradigma qualitativo. Utilizam-se como estratégias de pesquisa a pesquisa bibliográfica, a história oral e o questionário semi-aberto. Os resultados colhidos ressaltam uma entidade que torna a música um fenômeno educativo cultural, contribuindo para o enraizamento cultural e histórico, tanto do bairro da Gamboa quanto do município de Senhor do Bonfim.

Palavras-chave: Filarmônica. Música. Música e Aprendizagem.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil etário.....	32
Gráfico 2 - Gênero.....	32
Gráfico 3 – Nível de escolaridade	33
Gráfico 4 – Atividade laboral	33
Gráfico 5 – Onde reside	34
Gráfico 6 – Tempo de escola de música	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	12
QUADRO TEÓRICO	12
1.1 MÚSICA	12
1.2 AS BANDAS DE MÚSICA E A FILARMÔNICA.....	19
1.3 MÚSICA E APRENDIZAGEM.....	22
CAPÍTULO II	24
TRILHA METODOLÓGICA	24
2.1 PARADIGMA DE PESQUISA	24
2.2 LÓCUS DE PESQUISA	25
2.3 SUJEITOS DE PESQUISA	25
2.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	25
CAPÍTULO III	26
ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
3.1 AS FILARMÔNICAS E A FILARMÔNICA UNIÃO DOS FERROVIÁRIOS BONFINENSES: INCURSÃO SÓCIO-HISTÓRICA	26
3.1.1 A evolução das Filarmônicas em Senhor do Bonfim	26
3.1.2 Senhor do Bonfim, a ferrovia e a Filarmônica União Dos Ferroviários Bonfinenses	27
3.2 O PERFIL E O DISCURSO DOS MÚSICOS DA FILARMÔNICA	31
3.2.1 O Perfil Dos Entrevistados	31
3.2.2 O Discurso dos Entrevistados	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MÚSICOS DA FILARMÔNICA UNIÃO DOS FERROVIÁRIOS BONFINENSES.	42
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

O homem moderno ainda não adquiriu um controle suficiente sobre suas reações em face de um mundo que sufoca, o priva de liberdade e acaba com suas esperanças. Vítima do stress – ações e reações que se produzem no organismo após uma agressão – ele é tomado por uma lassidão e acaba se transformando freqüentemente em uma pessoa ansiosa, irritada, esgotada, que se percebe incapaz de resolver seus problemas pessoais. As modificações biológicas produzidas por choques emocionais aparecem então como uma reação de alarme. A música é a contextualização da sociedade (costumes, festas, fatos históricos, classe social) e está presente no cotidiano de todos. (BRÉSCIA, 2003)

Segundo Bañol (2003) desde muito cedo se convive com ritmos e sonoridades diversas. Percebendo o corpo humano, nota-se que todos são seres musicais: os batimentos do coração, a respiração, o caminhar, enfim, todo o corpo possui uma marcação rítmica construindo assim, uma perfeita melodia musical.

Uma criança pequena está imersa ao “ambiente sonoro” de sua família e está exposta à “paisagem sonora” de sua época. Ao conviver com seu grupo social e através do contato com os meios musicais e corporais de forma afetiva ela irá construindo seu repertório musical e corporal. Quanto mais seu ambiente sonoro puder se expandir, mais aberta será sua socialização musical, ou seja, quanto mais oportunidades a criança tiver de ouvir músicas de diferentes melodias, ritmos e letras mais oportunidades terá para a construção de sua identidade e para o desenvolvimento de diversas potencialidades e de sua capacidade emocional, capacidade esta que lhe dará condições de construir-se como sujeito afetivo, social e rítmico. (MARZULLO, 2001)

Na própria relação do homem com a música é possível observar influências da cultura de cada povo, seja como expressão de experiências estéticas, seja como função mística religiosa, mágica ou como função terapêutica. O ser humano em sua evolução encontrou muitas formas de expressar e comunicar ao outro suas emoções e sensações, seu pensar e seu sentir, usando diferentes linguagens. Uma dessas linguagens é a música. (PAGANO, 1995)

A música é um dos diferentes recursos que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional da pessoa humana e por isso merece

atenção especial.

Gainza (2008) diz que desde a antigüidade, a música tem sido o veículo fundamental para a comunicação e para as manifestações sentimentais dos indivíduos. A musicalidade está sempre presente na vida do homem, expressando-se nos gestos, na fala, nos movimentos e nos seus sentimentos.

O autor continua que através da percepção do ritmo e da melodia, a criança estabelece seu primeiro contato com a música. Interagindo com o som, a criança pouco a pouco utiliza sua voz e seu corpo para produzi-lo conforme suas experiências vivenciadas. Gradativamente a criança descobre o que se pode fazer com a voz, com o corpo, com os instrumentos, assimilando a altura, intensidade e ritmo, ou seja, desenvolvendo suas manifestações musicais relacionando-as aos seus sentimentos. Mas é interagindo com os instrumentos musicais, que essas manifestações são trabalhadas de maneira construtiva, através da interação orientador/crianças.

De acordo com Cinel (2004) durante a elaboração das atividades musicais desenvolvem critérios e objetivos a serem alcançados, escolhendo adequadamente o repertório e o material a ser apresentado, proporcionando um conhecimento gradativo dos diferentes tipos de sons. Além de buscar desenvolver na criança a sensibilidade, a criatividade, criticidade e as diversas áreas psicomotoras.

A música é uma forma de linguagem e deve ser explorada pela criança de todas as formas possíveis. E um espaço que capacita esta aprendizagem é o das Filarmônicas.

É fato que a filarmônica é uma escola, apresenta-se como um espaço educativo sob o viés da música, estabelecendo valores, crenças e expectativas.

Nesse processo ocorrem aprendizagens de conteúdos específicos ou não, emoções, empenho da subjetividade, ordenação disciplinar, que representam e caracterizam o comportamento dos sujeitos como parte de uma realidade social.

Nesse contexto podemos apontar como objetivos desta pesquisa:

- Recuperar historicamente o conceito de Filarmônica, maxime o conceito da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses;
- Identificar aspectos históricos e educativos da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses;

- Analisar aspectos históricos e educativos da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses.

Este estudo é relevante quer do ponto de vista científico quer do ponto de vista social. Existe relevância científica porque se trata de um objeto de estudo que tem sido pouco estudado do ponto de vista de educação e pode contribuir para uma re-discussão da educação como referência de espaços inovadores. Do ponto de vista social pois estará sendo dada maior visibilidade, sendo uma experiência educativa e musical o que não é comum em Senhor do Bonfim, além de projetar adolescentes e jovens aprendizes.

Estruturamos nosso trabalho em em quatro capítulos.

No primeiro capítulo é apresentado o quadro teórico com a definição de música; As bandas de música e a filarmônica; Música e aprendizagem.

No segundo capítulo é mostrada a trilha metodológica apontando-se o lócus da pesquisa, atores sociais, estratégias de estudo.

No terceiro capítulo é realizada a discussão e análise dos resultados, trazendo os resultados da pesquisa oral e apresentando o discurso resultante dos questionários aos músicos da instituição estudada. Faz-se uma inserção histórica com resgate da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses e uma pesquisa empírica com os atores sociais que formam a Filarmônica.

Por fim, são apresentadas as considerações finais em que se ressaltam os passos dados na pesquisa, e as limitações que acompanharam a pesquisa.

CAPÍTULO I

QUADRO TEÓRICO

A fundamentação teórica desta pesquisa se dá em torno dos conceitos de Música, de Filarmonica e de Música-aprendizagem.

1.1 MÚSICA

Muito antes do ser humano existir, já havia sons neste mundo: ondas quebravam-se contra rochas, o vento uivava e cascatas rumorejavam por sobre as pedras.

Quando surgiram os animais, o grasnar, ladrar, berrar, piar, chilrear eram a linguagem dos bichinhos que davam vida a natureza.

Tudo isso era som, mas não era música. A música é uma arte que só o ser humano pode criar.

Segundo Gainza (2008, p. 114) Wagner (1813–1883), compositor neo-romântico, afirmava que a música é uma linguagem universal. Isto quer dizer que, a música não precisa de tradução. Fala diretamente às pessoas, transpõe as barreiras do tempo e do espaço, das nacionalidades e etnias como da língua. É uma das manifestações autênticas de uma cultura.

De acordo com Bennett (2006) a palavra “música” deriva do grego *mousike* por intermédio do latim *musica*. Ela é formada no grego da palavra *mousa*, a Musa, que vem do egípcio, e da terminação grega *ike*, derivada do celta. A palavra egípcia *mas* ou *mous*, na verdade, significa geração, produção ou desenvolvimento a partir de um princípio, ou seja, manifestação formal ou mudança de estado letárgico para ativo de algo que estava latente. A terminação *ike* (-ique) indica que uma coisa está relacionada à outra por semelhança, ou que tem uma dependência ou uma emanção dela.

Pode-se perceber claramente porque os gregos consideravam todas as artes de imitação como sendo pertencentes à música, pois, de acordo com o

significado da palavra *Musa*, tudo que serve para exteriorizar o pensamento, tornar algo sensível à capacidade intelectual, e para fazer com que algo se transforme de potência em ação, por meio de uma investidora adequada tudo isso era parte da música.

Numa definição clássica, música é a arte de escolher, dispor sons, combinados de acordo com as variações da altura, proporcionados segundo a sua duração, ordenados sob as leis da estética. Assim sendo, música é uma organização de sons (ritmo, melodia e harmonia) com a intenção de ser ouvida, de exprimir profundamente qualquer sentimento e descrever qualquer quadro da natureza. (BAÑOL, 2003)

A música é ciência e arte, haja vista que as relações entre os elementos musicais são verdadeiras relações matemáticas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações. A música como parte da ciência tem a finalidade de tornar as concepções intelectuais do homem sensíveis, usa no mundo exterior dois elementos formadores - o som e o tempo -, considerando uma como matéria e o outro como regulador da forma que a música lhes dá por meio da arte.

A música tem participado da vida do homem desde antes das primeiras civilizações, das primeiras aldeias agrícolas, e antes mesmo do próprio conceito de tempo. É uma linguagem que ultrapassa os limites da palavra, sendo uma forma de exprimir sentimentos e emoções. Pode também ser vista como pura construção tecida em sons e intervalos, que ganha sentido próprio e conquista seu espaço de existência enquanto objetivo de arte: “A música é a nossa mais antiga forma de expressão, mais antiga do que a linguagem ou a arte; começa com a voz e com a necessidade preponderante de nos dar aos outros”. (MENUHIN e DAVIS *apud* PENNA, 2005, p.19)

Segundo Penna (2005) quando o homem da pré-história, em sua caverna, começou a desenhar, pintar, emitir sons, ele construiu, em seu desenvolvimento histórico, a música como linguagem artística, estruturada e organizada. Ele começou a fazer rústicos instrumentos musicais e estranhos movimentos ritmados, estava iniciando um dos mais belos capítulos da história: a história da arte. A arte do homem primitivo reflete a sua vivência. Compreende-se que o homem pré-histórico reúne todos os seus valores nas forças da natureza e no poder místico dos deuses. Foi para estas forças e para este poder que ele teria criado a música. Como forma

de arte, que tem o som como material básico, a música caracteriza-se como meio de expressão e de comunicação.

Meio de expressão, que da forma a vivência humana, e de comunicação por revelar esta experiência pessoal de modo que possa alcançar o outro e ser compartilhada.

Benett (2006) afirma que a música apareceu sob duas formas: o canto e a dança. O canto era empregado em todas as cerimônias religiosas quase sempre unindo à dança considerada pelos povos antigos como uma arte sagrada.

O homem da pré-história já expressava suas emoções através de gestos e de uma linguagem musical ainda muito rude e primitiva, executando estranhos movimentos ritmados no intuito de atrair a proteção divina, afastar os maus espíritos, as doenças e até a morte; vencida as tempestades, os raios; obtinha a chuva e a fertilidade. Por isso, os historiadores afirmam que a música é de origem sagrada e é uma linguagem mística. (SEKEFF, 2002)

Bréscia (2003) preocupou-se com as origens das manifestações musicais. Segundo ele, a música seria o resultado complexo de um processo histórico que, partindo do som puro e dos seus efeitos mágicos, ter-se-ia enriquecido progressivamente, no início por meio de meras modificações vocais e acústicas, depois pelas contribuições da poesia e da dança, pela imitação e, no decorrer dos tempos, devido a fatores técnicos, harmônicos e instrumentais, assim como pela infiltração de elementos expressivos e intelectuais.

Sendo uma linguagem artística, organizada e estruturada culturalmente, a música, juntamente com o código de sua construção, é um fato histórico e social. Pode-se dizer que o som naturalmente toca e faz as pessoas dançarem, como uma tendência universal do ser humano, isto até poderia servir para explicar a “necessidade da música”, a sua existência nas mais diferentes sociedades de todas as épocas.

Ser sensível à música não é uma questão mística ou de empatia, não se refere a uma sensibilidade dada, por razões de vontade individual ou de dom inato, mas a uma sensibilidade adquirida, construída num processo, muitas vezes não-consciente em que as potencialidades de cada indivíduo (discriminação auditiva, emotividade, etc.) são trabalhadas e preparadas de modo a reagir ao estímulo

musical. O ser humano interage com as pessoas e o ambiente valendo-se da fala, da escrita e da linguagem corporal, plástica e musical. Portanto o nosso mundo é musical e repleto de ritmos.

Segundo Raes *apud* Bañol (2003, p. 33), “Som é o que eu faço e ruído é o que faz meu vizinho.” Com esta citação o autor quer dizer que os sons estão em toda parte e estes não são iguais. Alguns nos agradam e outros não.

O progresso humano, tão notável no campo técnico, não deixa de aportar elementos negativos, que afetam a vida diária. Um deles é o ruído. Ruído é um conjunto confuso de sons que não produz sensação contínua de valor harmônico apreciável.

De qualquer forma o ruído é uma forma particular de som. Neste sentido, pode-se contar o exemplo do mecânico atento ao ruído do motor, que considera o mesmo como sinal desejado e percebe como “ruído” as conversas ao seu redor. Portanto, classificar um som como ruído depende de apreciações pessoais. (BRÉSCIA, 2003)

A música serve para amenizar o sofrimento e enaltecer a alegria, motivar a luta e abrilhantar a vitória, consolar a morte e ressuscitar a vida. Através da ação musical, disciplinam-se os passos dos que caminham, coordenam-se os gestos dos que trabalham, unificam-se as vozes dos que se manifestam, harmonizam-se os corações dos que sentem, estreita-se a amizade dos que convivem e diviniza-se o espírito. A música é a nossa ponte para o infinito. (MARZULLO, 2001)

De acordo com Cinel (2004) com a música o sistema nervoso central é ativado mexendo com as emoções humanas de diversas maneiras, por isso a música toca tanto no ser humano. Uma canção pode ficar gravada para sempre na memória, pontuando um determinado acontecimento, mesmo que na hora não se dê conta disso. Porém, um belo dia, recorda-se o que aconteceu só de ouvir os primeiros acordes da canção.

O sobe-e-desce das notas, os graves e agudos, o silêncio entre uma nota e outra e a própria interpretação da letra são a somatória dos elementos que vão acordar as emoções. (CINEL, 2004)

Dançando ou não, as pessoas captam a vibração do som e se entregam às emoções que ele pode liberar. A melodia é fundamental neste caso. Muitas pessoas

gostam de músicas estrangeiras sem entender o que elas dizem, isso se deve a melodia: “Quando a música tem letra, a mensagem da canção escolhida mostra o que você está sentindo e as palavras se tornam cúmplices do momento em que você se encontra e proporcionam o conforto que você necessita”. (GAINZA, 2008, p. 54)

A música está presente em nosso cotidiano e funciona como catalisador coletivo, reunindo pessoas reforçando a identificação pessoal. O gosto musical começa a se desenvolver na pré-adolescência, e com ele vão se construindo os valores morais. Mesmo amadurecendo, ainda se reserva um espaço importante para a música, pois esta acompanha a evolução individual do ser humano.

Penna (2005) afirma que o gosto musical também se modifica. Muitas vezes um compositor de quem não se gostava em determinada idade, pode ser audível quando você está mais velho. Isso se deve ao fato do ser humano estar em constante evolução, os sentimentos e os valores mudam e com ele as preferências musicais.

Na verdade, a música não é apenas entretenimento, deleite, convite ao devaneio. É também fonte de crescimento espiritual, enriquecimento da sua sensibilidade e fortalecimento do ego, condições fundamentais para a realização plena do ser humano na sua trajetória de vida.

Todo mundo ouve música. A maioria das pessoas gosta de música. As pesquisas históricas, étnicas e antropológicas têm evidenciado a presença universal e permanente da música. A música faz parte da vida social e individual, principalmente associada às festividades, ao lazer, do trabalho, da sexualidade, da religião e da cura.

Não existe nenhuma outra atividade cultural humana como a música, que seja tão penetrante e que alcance, molde e, muitas vezes, controle tanto o comportamento humano. Os poderes da música estão calcados, sem dúvida, na sua abrangência. Ela é acessível a todos, independentemente de idade, religião, raça, sexo ou nível econômico. Está disponível a qualquer momento, sendo, inclusive, grátis. Pode ser produzida naturalmente com a voz, as mãos, os pés ou com a ajuda de um instrumento musical. Pode ser dada e recebida. (SEKEFF, 2002, p. 43)

É uma fonte de entretenimento e também um recurso de crescimento e desenvolvimento humano. A música está no ar, construindo a trilha sonora de sua vida e participando da história de vida de cada indivíduo.

A Música está sempre presente na vida das pessoas e, sem dúvida, é uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade.

Segundo Cunha (2006) vários estudos comprovam a importância da música ao ser humano, especialmente às crianças, em fase de desenvolvimento e aprendizado do mundo, e aos adolescentes, como forma de expressar ou substituir a tão famosa "rebeldia" característica da idade.

O ensino da música evolui no mesmo sentido das teorias pedagógicas. O aluno não é mais visto como o receptor de conteúdo como nos antigos conservatórios. A música tampouco ficou restrita a atividade lúdica. São cada vez mais frequentes projetos em que os alunos são estimulados a distinguir uma linguagem diferente, para só mais tarde conhecer suas características formais. (CUNHA, 2006, p. 115)

Implementar a música deve vir a possibilitar o desenvolvimento de diversas habilidades ligadas tanto às áreas motoras, cognitivas e afetivas, promovendo a formação integral do sujeito.

Toda a produção artística está intrínseca à cultura local e se pode afirmar que cada região produz uma música diferente. Por conseguinte, nossos alunos produzem música com características da localidade onde estão, sem perder sua individualidade. Exemplo disso são as cantigas de roda, que preservam a cultura popular.

Como arte é cultura, a escola precisa desenvolver estratégias que possibilitem que seus alunos conheçam sua realidade, seu contexto, sua história, sua cultura. Entretanto, muitas escolas têm retirado a música de seus programas de ensino e muitos professores conferem à música pouco significado ou até a banalizam por não entendê-la como meio de preservação cultural. Conforme explica Bréscia (2003, p. 15) “o conhecimento do passado é um elemento essencial na formação da identidade, na percepção de si e dos outros”. Ao não perceber a importância da música, a escola deixa de lado a história de vida do próprio aluno, ao ignorar seu passado e o contexto onde a escola está inserida. A música, desse modo, passa a servir apenas como instrumento de apoio a outras áreas do conhecimento, assim como as demais expressões artísticas, como bem explica Benett (2006, p. 11-12):

O desenho, por exemplo, serviria para “ilustrar os trabalhos de português, ciências, geografia” e para “formar hábitos de limpeza, ordem e atenção”; desenho, música e dança podem desenvolver “a coordenação motora” e “percepção auditiva”; o teatro e a música podem ajudar na aprendizagem ou na fixação de conteúdos de outras disciplinas, assim como no “desenvolvimento da atenção, da concentração”; a música também é lembrada por seu caráter disciplinador.

Música não é disciplinadora. Música pode ser definida como uma “sucessão de sons agradáveis ao ouvido” (CUNHA, 2006, p. 421) e o som que agrada um ouvido, pode não agradar outro e isto não interfere no fato de gostar de música ou não. O que difere são as experiências sonoras vividas por cada sujeito, o repertório musical que se acumula ao longo da vida.

Todas as camadas da sociedade, independentemente da classe sócio-cultural, empregam música em seu cotidiano. A música é usada na mídia com fins comerciais por possuir característica de identificação pessoal. A música pode atingir desde os mais pobres aos mais ricos, porém cada um terá sua referência, sendo todos atingidos por ela. Comerciais na televisão na sua grande maioria têm uma música, seja de fundo, seja a própria propaganda. Ao se referir ao efeito do som no ser humano, Sekeff (2002, p. 29-30), afirma que “as notas tornam-se melodias por meio de um processo psicológico pelo qual tendemos a agrupar sons isolados em linhas e frases, ouvindo-os como gestos”, que fazem algum significado em nossas mentes. Esse processo de escuta se dá de forma bem natural. Conforme expõe Chernoff *apud* Bañol, 2003,(p. 33):

Na música, os ritmos contrastantes, densamente organizados, são poderosos – poderosos porque existe conflito de vitalidade e de ritmo, poderosos precisamente porque as pessoas são afetadas e se comovem. Quando as pessoas participam de uma situação musical, elas mediam o conflito, e sua presença direta dá poder a uma forma pessoal; então, elas têm a possibilidade de se relacionar com ela. [...]

Portanto, a música na vida das pessoas estabelece uma relação direta ou indireta de sentimentos – direta quando em primeira instância a pessoa é afetada, se envolve e reforça algum objetivo proposto, e indireta quando a pessoa não é afetada pelo objetivo, mas o simples fato de ouvir já provoca uma parcialidade, pelo conflito – de construção e reforço de objetivos variados, desde comerciais a educacionais. No caso da propaganda musical veiculada pela mídia, o elo é o consumo, sendo a lógica do mercado seu fio condutor. No caso da educação, a relação deve estar

direcionada ao desenvolvimento integral do sujeito, o que nem sempre ocorre.

A música pode ser não só ouvida mas também cantada e tocada por meio de instrumentos musicais industrializados, instrumentos artesanais e com o próprio corpo. Hermeto Pascoal, conhecido percussionista brasileiro, costuma dizer que “nós somos o instrumento mais perfeito que existe” (MALAVAZI, 2010, p. 126). O som corporal é constante em nossas vidas e fundamental para o desenvolvimento do ser humano, estando ao alcance de qualquer um, ou seja, a música independe do poder aquisitivo do indivíduo que dela usufrui e tem caráter inclusivo por possibilitar a participação e a ação ativa do sujeito.

A participação na música, muitas vezes, necessita de mais uma pessoa e/ou instrumento, deixando de ter um caráter exclusivamente individual. Com isso a música assume mais uma característica importante: de integrar pessoas diferentes, que são aceitos como parte integrante da ação musical. Como bem explica Bañol (2003, p. 2) “é possível estimular a interação social por meio de atividades musicais, e um bom relacionamento social possibilita ao indivíduo sair de um possível isolamento”. De fato, a música pode possibilitar esse bom relacionamento gerando no indivíduo a necessidade de se relacionar com outros indivíduos.

Por incrível que possa parecer, as pessoas com necessidades especiais podem interagir com a música. Até os surdos tem a possibilidade de ouvir música, através das vibrações emitidas pelo som em alguma superfície e das cores sonoras.

A música influencia física, mental e emocionalmente o ser humano e não é muito difícil chegarmos a esta conclusão, pois quem de nós não tem nenhum exemplo de lembranças ou emoções ao ouvir determinada música? Entre milhares de pessoas, a maioria já se manifestou dançando ou mexendo-se ao ouvir algum ritmo. Na grande maioria das vezes a música nos remete indagações do mundo ou da própria vida.

1.2 AS BANDAS DE MÚSICA E A FILARMÔNICA

Os aborígenes, que viveram por estas bandas, antes e depois da invasão dos brancos, em Porto Seguro, receberam dos seus irmãos tupis e aimorés seus instrumentos de toque e a toada dolente, aos sons dos quais tocavam e rodavam ao

redor do fogo; e os seus descendentes pataxós, confraternizavam com os tropeiros que armaram os primeiros ranchos, receberam essa intuição musical dos seus antecedentes revelada depois nas zabumbas, com flautas de taboca e bombo de pele de veado.

Formou-se a primeira “calumbi”, como chamaram o primeiro conjunto rústico, de 4 ou 6 homens, nome adequado, originário de uma planta silvestre e cheirosa, tocando em suas gaitas ora a toada primitiva dos índios, ora a cantiga dos boiadeiros e dos mercadores, que a traziam de outras terras, já banhadas pela civilização. A “calumbi”, nos primeiros tempos, animava as festas religiosas, as novenas e os folguedos; como aparecimento das bandas de música, foi impelido para os subúrbios e depois restrita aos lugarejos e fazendas, onde sobrevive, alegrando os camponeses. (SILVA, 1971, p. 154).

Com o passar do tempo foram surgindo grupos com a finalidade de ensinar música a quem tinha paixão por essa arte, nascendo assim bandas, orquestras, sociedades musicais e filarmônicas. Estas fazem parte de nossa realidade desde o Brasil colônia sendo primeiramente utilizadas por padres jesuítas como ferramenta para conversão religiosa.

Por menor que fosse a cidade, vila, Arraial havia uma banda de música, tornando-se assim uma das principais manifestações populares integradoras da vida social, religiosa, política e cultural da comunidade, passando a ser uma das instituições mais presentes no século XIX em toda sociedade brasileira. Mas somente a partir do século XX é que elas passam a ser reconhecidas, como um dos maiores eventos sociais sacros e profanos, militares e civis, considerados ainda hoje como centro gerador de um grande repertório de variados gêneros como, chorinhos, marchas e dobrados, formando-se assim grandes músicos amadores e profissionais.

Sociedade musical, orquestra ou bandas civis tem o nome de Filarmônica quando mantidas por grupos de admiradores, através de auxílio da iniciativa privada, dos governos municipais estaduais ou federais geralmente sem fins lucrativos.

A história das bandas filarmônicas remonta para nós o que a população vivia no passado, em cada época existe um aspecto cultural em evidência, hoje nós não temos as filarmônicas tão evidentes. Antigamente elas eram bem mais presentes na vida da comunidade tocando em festas, enterros, solenidades; e desempenhavam

no interior, a função ocupada pelos conservatórios das grandes cidades. Apresentavam-se geralmente em praças, coretos, escolas, teatros, igrejas e paradas militares.

A história das sociedades filarmônicas brasileiras remonta ao período em que D. João VI chegou ao Brasil. Acompanhando a Corte estava a Banda da Armada Real de Portugal. Um conjunto musical militar muito conhecido na Europa. À época, atuavam no país, pequenas orquestras de cordas e coros destinados aos ambientes das igrejas.

A música dita das ruas era feita pelas bandas de barbeiros as quais executavam instrumentos de sopro. A organização de uma sociedade filarmônica não se restringia à arte de execução musical. Com o advento das primeiras entidades, suas diretorias interessavam-se pela criação de bibliotecas e salas para audição de poemas e apresentações de dança.

Representados por uma diretoria com presidente, secretário, tesoureiro que cuidam dos bens e finalidade da organização. A primeira sociedade a ser criada no Estado da Bahia foi a Sociedade Filarmônica Erato Nazarena (ainda atuante), fundada em 1863, a partir do retorno dos soldados carabineiros da cidade de Nazaré das Farinhas os quais integravam o Batalhão 42, da 2ª linha, durante a guerra do Paraguai.

Compreender uma Filarmônica é também perceber quais os Instrumentos que a compõem: Flautim, flauta, clarinete, saxofone (os saxofones alto e tenor são os mais comuns. No entanto, para maior equilíbrio sonoro, é ideal a presença de saxofone soprano e barítono), trompete, trombone, tuba, bombardino, sousafone e percussão. Podem ser acrescentados outros instrumentos, comumente encontrados em orquestras, como o oboé, fagote, trompa, violoncelo contrabaixo acústico e harpa.

Atualmente, inclusive nas bandas militares, popularizou-se o uso de instrumentos elétricos e eletrônicos, como guitarra, contrabaixo de cordas e teclado. Tais instrumentos são usados, principalmente, em concertos mais elaborados. A percussão de uma banda pode ser composta desde a formação básica com caixa, pratos, bumbo, surdo, triangulo até algo mais grandioso, como tímpanos, xilofone e marimba.

1.3 MÚSICA E APRENDIZAGEM

Atualmente a palavra motivação tem sido amplamente empregada para designar um comportamento ou uma atitude ideal diante das demandas cada vez maiores impostas pelo mundo em constante transformação. Afinal, uma pessoa motivada tem chances muito maiores de sucesso do que aquelas não motivadas e, no fundo, quem não quer ter êxito em algo que esteja fazendo?

A construção da inteligência é sempre resultante da coordenação de ações realizadas com o sentido de buscar formas e esquemas de adaptação a problemas gerados pelo meio ambiente. [...] A ação humana é sempre fruto de uma motivação que organiza as forças do indivíduo em direção a um determinado fim. (RIZZO, 2001, p. 40).

Na educação não é diferente, uma vez que também percebemos o quanto se faz necessário que professores e alunos sintam-se motivados para que a aprendizagem ocorra de maneira a ser bem sucedida, onde todos aqueles participantes do processo sintam-se envolvidos e engajados cada vez mais nos diferentes tipos de atividades.

Diante de tal panorama, o caminho a percorrer para que haja uma mudança nessa situação talvez seja mostrar aos nossos educandos que é possível aprender de forma diferenciada, derrubando velhos paradigmas herdados de uma educação tradicional, sendo a prática de jogos e de brincadeiras na escola uma das formas de se mudar tal fato.

Nesse sentido, a música pode representar muito mais do que simples passatempo na vida das crianças, uma vez que podem tornar-se importante ferramenta nas mãos de professores e profissionais que queiram motivar e facilitar o processo ensino aprendizagem no dia-a-dia de seus alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e interessantes.

O interesse despertado por qualquer atividade lúdica produz como resposta o empenho de forças, ação intencional em alguma direção ou propósito, fato essencial para produzir a construção de esquemas racionais, gradativamente mais aperfeiçoados. (RIZZO, 2001, p. 40)

Desta forma, variedade e criatividade tornam-se palavras-chave para que haja uma reformulação nas relações de ensino-aprendizagem, que levem a uma

valorização do saber e conseqüente motivação dos estudantes, de modo que conteúdos sejam apresentados de maneira mais atraente e, até mesmo, de forma desafiadora.

A linguagem da música parece ter estado sempre presente na vida dos seres humanos e desde há muito faz parte da educação de crianças e adultos (ROSA, 2000). Para uma visão cognitivista, o conhecimento musical se inicia por meio da interação com o ambiente, através de experiências concretas, que aos poucos levam à abstração. A criança se envolve integralmente com a música e a modifica constantemente, transformando-a, pouco a pouco numa resposta estruturada.

Existe uma relação bastante presente entre música e aprendizagem. Faria (2001), define que a música é um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecida como “cantiga de ninar”.

De acordo com Faria (2001, p. 24), “A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação”. Uma das primeiras coisas que a criança aprende ao iniciar o processo educativo no ambiente formal de educação escola é a cantar, as cantigas fazem parte da rotina da escola, cantam ao chegar para saudar os coleguinhas, lavar as mãos, para fazer fila pro lanche, ate a hora de ir embora.

Na aprendizagem a música é muito importante, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno estando assim presente a música em nossas vidas. Portanto, é possível despertar o interesse da criança pela música de forma que ela possa conhecer a pluralidade da linguagem musical. Além disso, a escola tem o papel fundamental de criar situações para que o aluno possa vivenciar analisar e compreender a produção artística musical.

CAPÍTULO II

TRILHA METODOLÓGICA

Sob o ponto de vista metodológico o nosso objetivo de estudo nos convidou a realizar dois tipos de estratégias:

1. Uma inserção histórica, com resgate sobretudo da trajetória da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses o que nos levou a recorrer a pesquisa oral, especialmente a escuta do pesquisador Ivomar Gitânio, bem como a uma pesquisa bibliográfica.
2. Uma pesquisa empírica que nos permitiu escutar atores sociais que formam a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses ou o que a ela estão ligados, especificamente os músicos.

2.1 PARADIGMA DE PESQUISA

Decidiu-se analisar a pesquisa de campo do tipo qualitativa descritiva. A pesquisa se caracteriza qualitativa, pois é através das respostas dos indivíduos que se pode obter opiniões mais significativas e concretas. As estratégias utilizadas proporcionaram aos sujeitos investigados responderem de acordo sua perspectiva pessoal, levando-se a expressar livremente suas próprias opiniões.

Trivinões (2002, p. 129) comenta sobre a pesquisa qualitativa que alguns autores entenderam a pesquisa como uma Expressão Genérica. Isto significa fundamental que pode chegar a realizar um pesquisador, um pesquisado que têm por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo.

A pesquisa qualitativa adota uma perspectiva global e sistemática em suas tentativas de compreensão, onde o pesquisador qualitativo está aberto a efeitos reativos e de referências e aprender com seu espaço pesquisa. Uma das grandes populações de pesquisa qualitativa é a de sua atenção, das pessoas bem como dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentam sua existência.

2.2 LÓCUS DE PESQUISA

O presente trabalho monográfico foi realizado junto a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses e no bairro da Gamboa na cidade de Senhor do Bonfim - Bahia.

2.3 SUJEITOS DE PESQUISA

A amostra foi constituída por 05 (cinco) moradores do bairro da Gamboa, e 26 (vinte e seis) alunos-músicos da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses.

2.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados dois instrumentos fundamentais ao estudo: A entrevista que possibilitou a pesquisa oral e o questionário semi-aberto aplicado em dois momentos diferentes, a moradores de um lado e a músicos e professores de música de outro lado. Àra Lakatos (2002, p. 74) o : “questionário é constituído por perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa cujas respostas são formuladas pelo informante e são dados por escrito”. E ainda:

O questionário é a forma mais usada para recolher informações e é um método muito importante, uma vez que de forma rápida e menor custo com resposta, permite recolher informações para caracterizar e segmentar os utilizadores. Devem ser tão curtos quanto possíveis, conter campos de respostas obrigatórias (as fundamentais) e ser de fácil compreensão (LAKATOS, 2002, p. 70).

Neste trabalho, o questionário constou de questões básicas fechadas e questões abertas (que permitam respostas pessoais mais prolongadas e espontâneas), comenta Galiano (2001, p. 53) que as questões fechadas não permitem o normal desenvolvimento de conversa, pois as perguntas são taxativas. As questões abertas fazem os entrevistados se sentirem mais felizes, pois têm oportunidade de mostrar as suas idéias e sentem que alguém está se interessando por eles, como também promovem a continuação da conversa.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dividimos este capítulo em duas partes: Na primeira traremos os resultados da pesquisa bibliográfica e da pesquisa oral e na segunda parte apresentamos o discurso resultante dos questionários, aos músicos da instituição estudada.

3.1 AS FILARMÔNICAS E A FILARMÔNICA UNIÃO DOS FERROVIÁRIOS BONFINENSES: INCURSÃO SÓCIO-HISTÓRICA

3.1.1 A evolução das Filarmônicas em Senhor do Bonfim

Considerando a Cidade de Senhor do Bonfim como palco de várias escolas de musicas, Grupos Musicais e Filarmônicos, a primeira delas foi fundada em 1888 e levava o nome de Filarmônica União Ceciliãna, criada por iniciativa de um grupo de amantes da musica entre eles; Manoel Teixeira do Amaral, Severo Lopes de Carvalho, João Alves Maciel. Desempenhando animadamente a sua missão pioneira que abrilhantava as solenidades cívicas e religiosas. Compareceu á recepção do Conde d'E'u , em setembro de 1889, e a grande passeata em regozijo pela adesão da República, em 17 de novembro do mesmo ano. (SILVA, 1971, p. 154)

Filarmônica União e Recreio: composta pelos mesmos integrantes que faziam parte da Filarmônica União Ceciliana, onde unidos a outros músicos deram maior dimensão ao movimento musical que se iniciara promissoriamente, e fundaram a Filarmônica União e Recreio , em 25 de março de 1895, dia consagrado a N. S. da Anunciação, que tomaram como padroeira da novel instituição. (SILVA, 1971, p. 154)

Filarmônica 25 de janeiro: formada por um conjunto musical em 25 de janeiro de 1897, a banda musical tornou parte ativa nas diversas manifestações do progresso da cidade, concorrendo para a disseminação da arte musical no seio do povo o estímulo e o entusiasmo dos seus adeptos. Iguamente, tornou-se clube social com a nova denominação de Sociedade 25 de Janeiro, mantendo, porém, o

seu programa inicial, de culto da arte musical, remodelando completamente o seu edifício, na Praça Benjamim Constant, e transformando-o em uma sede moderna e ampla. (SILVA, 1971, p 156).

Lira da União: o gosto pela música foi a tônica da sociedade bonfinense, em uma animada fase marcada pelos embates musicas das filarmônicas. Criaram-se ligas de adeptas e conjuntos musicais femininos, incumbidos de incentivar e colaborar com as suas patrocinadas. Ligada a filarmônica União e Recreio, criaram as senhorias da melhor sociedade a Lira da União inaugurada em 23 de janeiro de 1916.

A orquestra era composta das senhorias Ana Amaral: violoncelo; Leonor Kauark, Ester Oliveira, Elisa Martins: violinos; Milita Torres, Etelevina Xavier, Corina Mendes, Alice Teixeira, Sônia Manciola, Elizabeth Santos, Eurides Machado: bandolins; Alira Santos: ocarina, Palmira Oliveira: flauta e Rosalva Simões: harpa. Foi seu primeiro regente o musicista Políbio Gonçalves. (SILVA, 1971, p.156).

Filhas da Musa: o estímulo, sempre benéfico, para a disseminação da música, deu lugar á criação, logo, desse conjunto musical feminino, ligado a Filarmônica 25 de janeiro. Foi igualmente uma orquestra formada pelas senhoras do escol social, adepta dessa filarmônica. Inaugurada em 6 de fevereiro de 1916, a orquestra teve como suas componentes a senhora Safira Duarte: violoncelo; Beatriz Kauark, Lindaura Loiola, Tita Souza e Maria Júlia de Barros: bandolins; Hostília Loiola e Alzira Duarte: bandolas; Anália Chaves e Débora Duarte: flautas. (SILVA, 1971m p.156)

3.1.2 Senhor do Bonfim, a ferrovia e a Filarmônica União Dos Ferroviários Bonfinenses

Em 1 de setembro de 1858, a chamada estrada do progresso, como a chama Adolpho Silva (1971), assentou os primeiros trilhos da ferrovia que ligaria a Capital aos sertões ,e em 28 de junho de 1860 foi aberto ao tráfego o primeiro trecho Calçada-Aratu.Mas foi somente no dia 31 de agosto de 1887 que a locomotiva conduziu uma numerosa comitiva chefiada pelo diretor da estrada o engº Rocha Dias inaugurou o trecho Itiúba-Bonfim,oferecendo ao tráfego as estações de Tiririca.Alguns anos depois, recomeçaram os trabalhos em direção a

Juazeiro, inaugurando-se o trecho Bonfim-Angico e em 2 de julho de 1894, foram entregues ao tráfego as últimas estações do município, Catuni, Jaguarari, Itamurim e Angico, atual Barrinha. Nesse tempo, era arrendatária a nova ferrovia a companhia francesa “Chemins de Fer. Federaux de l’ Est Brésilien”, substituída, em 1914, pela “Companhia Estrada de Ferro S. Francisco”, passando em 15 de novembro de 1969, para a 4ª. Divisão de Leste da Rede Ferroviária Federal. (SILVA, 1971, p. 91-92).

Construída em 1887 para servir a uma população reduzida e a um comércio restrito naquela época, tornou-se pequena e sobrecarregada, desde 1917 e 1924, com os novos ramais Senhor do Bonfim/Campo Formoso e Campo Formoso/Jacobina. Urgia a sua substituição, e nova estação, estilo moderno, ampla e com oficinas e abrigos apropriados, foi construída e inaugurada em 14 de maio de 1944. A história do Bairro da Gamboa, está ligada ao surgimento da ferrovia em Senhor do Bonfim. Em 1944, a construção do prédio da Ferrovia que temos hoje foi considerada um marco da expansão ferroviária do Trem da Grota do São Francisco em direção ao Piauí que se firmava em Senhor do Bonfim. Na época áurea dos trens, a cidade de Senhor do Bonfim era uma das cidades mais prósperas do estado da Bahia por ser uma cidade cortada por esse meio de transporte.

No auge do desenvolvimento da expansão da ferrovia também estava sendo fundado o bairro da Gamboa e por ser o bairro mais próximo da estação vários ferroviários das cidades de Serrinha, Alagoinhas e laçu, além das ferrovias construíam também os casarões, onde abrigava engenheiros e alguns funcionários de alto escalão, e é por isso que o bairro da Gamboa até hoje é constituído de ferroviários, ex-ferroviários e filhos de ferroviários. O condomínio Leste hoje é um condomínio onde a maioria dos moradores é remanescentes ou filho descendente dos ferroviários, e toda a comunidade do Bosque, Gamboa Bom Jardim e Pêra têm ainda hoje a presença forte de ferroviários.

A partir da ferrovia surge também no bairro da Gamboa a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses, um clube até então composto somente por ferroviários e filhos de ferroviários. A banda de música animava não só paradas militares, mas também as alvoradas e os grandes carnavais da época. As filarmônicas viveram muito bem esses momentos e promoviam grandes festas populares para a comunidade.

A fundação de um patrimônio cultural como a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses criada no bairro da Gamboa deu grande referencial cultural ao bairro e conseqüentemente a cidade de Senhor do Bonfim.

A Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses foi fundada em 12 de Junho de 1953 por um grupo de ferroviários entre eles, Aldemiro Soares; Alfredo Gomes Soares; Altamirando Simões da Silva; Álvaro Lima; Antônio Dias de Souza; Antônio Ferreira de Oliveira; Antônio Ferreira Sobrinho; Antônio Novaes; Artur Paiva; Eutrópio Souza; Jessé Ferreira da Silva; João Edésio da Silva; Joaquim Muricy Sobrinho; José Cupertino Freitas; José Ferreira Santos; Manoel Andrade; Manoel Simões; Nélio Miranda; Otacílio Neves da Silva; Romão Dias e Tancredo Birli.

Está situada a Rua Teive Argolo, nº 151, Bairro da Gamboa, Senhor do Bonfim – Bahia. Teve como 1º Presidente o Sr. João Edésio da Silva, que administrou desde a fundação até o ano de 1959, quando a Filarmônica ficou temporariamente desativada. Depois de 12 anos em fevereiro de 1971, os Srs. Antônio Ferreira de Oliveira, Miguel Alves do Nascimento, Otacílio Neves, Antônio Dias, Romão Dias, Manoel Andrade e Alfredo Gomes, resolveram reativar a Filarmônica, escolhendo assim o Sr. Miguel Alves do Nascimento como presidente da entidade que presidiu durante 5 anos, o mesmo comprou o imóvel onde até hoje funciona a sede, e com a ajuda do reconhecido talento do maestro Sr. José Ferreira da Silva, carinhosamente conhecido como José Mocó, conseguiu colocar a banda em lugar de destaque entre as quatro filarmônicas que existiam na cidade.

Mas infelizmente depois de vários anos de funcionamento, em Maio de 2000, foi novamente decidida em assembléia geral a desativação da entidade, pois a mesma se encontrava em estado de abandono.

Diante desse quadro em 26 de Maio de 2000, o Sr. Paulo Pereira de Alencar resolveu assumir a Presidência, evitando assim a extinção da única Filarmônica remanescente das quatro que existiam na cidade de Senhor do Bonfim. No mesmo ano através de bingos e rifas foi realizada uma pequena reforma no imóvel e através da Casa das Filarmônicas foram recuperados vários instrumentos que estavam em desuso; em setembro de 2001 a entidade recebeu por doação consignada um kit contendo 18 instrumentos musicais.

O fato preocupante não só do atual presidente, mas de todos os membros da entidade era o Maestro Edvaldo Matos de Araújo, que sofria de perda auditiva irreversível e já não tinha mais força para dar continuidade aos trabalhos que ele fez tão bem desde 1977, teve que se afastar em maio de 2002 da entidade que o ensinou a dar seus primeiros passos no universo musical.

Em julho de 2002 o jovem José Eduardo Rodrigues dos Santos resolveu substituir aquele que foi o seu 1º professor de música e tão conceituado Maestro. Com determinação e coragem começou a incorporar, alunos da Escola Municipal de Música onde o mesmo era Professor e adotou uma disciplina musical rígida e eficiente; aqueles que não se enquadraram com o seu método de ensino e não queriam participar dos ensaios, aos poucos foram se afastando do grupo.

Depois de noventa dias tendo como presidente o Sr. Paulo Pereira de Alencar, a banda voltou a ter lugar de destaque na área cultural de Senhor do Bonfim, ganhando o troféu de Profissionais nota 10; e pela primeira vez participou de um Encontro de Filarmônicas na cidade de Morro do Chapéu em Outubro de 2002. Finalmente os obstáculos começaram a ser vencidos e a entidade trilhou novos caminhos rumo ao reconhecimento e sucesso.

Em novembro de 2002 juntou-se ao grupo o Regente e Poeta Egnaldo Souza Paixão que misturou a música com poesia e tornou mais eclético o repertório musical. No primeiro semestre de 2003 foi construída uma sala exclusiva para os ensaios da banda que levou o nome de Sala Ednaldo Matos em homenagem àquele que revelou tantos músicos nos seus 25 anos de serviços prestados à Entidade.

Com o apoio da Prefeitura e da Casa das Filarmônicas, entidade criada em janeiro de 1999 para dar apoio às Filarmônicas foi realizado o 1º Encontro de Filarmônicas em Senhor do Bonfim em comemoração ao cinquentenário da Sociedade Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses. No dia 05 de julho de 2003 pela segunda vez consecutiva ganharam o troféu de Profissionais notas 10.

No dia 27 de julho de 2003, foi promovido em Jacobina um encontro de Filarmônicas Juvenil Rio do Ouro, onde a banda se destacou arrancando aplausos e elogios da grande platéia presente inclusive do Governador da Bahia. Em 19 de Outubro de 2003 participou pela segunda vez do Encontro de Filarmônicas, desta vez na cidade de Morro de Chapéu, promovido pela Filarmônica Minerva, sendo

também motivo de destaque durante as apresentações.

Fugindo dos tradicionais dobrados e com um repertório que vai do reggae ao bolero passando por bossa nova, afoxé, forró, MPB, a Filarmônica fez uma apresentação no dia 29 de novembro de 2003 no Pelourinho em Salvador arrancando aplausos dos presentes, sendo convidado pelo Governador do Estado para participar da cerimônia de inauguração da reforma do Largo do Campo Grande, que iria acontecer em 13 de dezembro de 2003.

Além do Governador Paulo Souto os Senadores Antônio Carlos Magalhães e César Borges, o Prefeito de Salvador Antônio Imbassai, o Secretário de cultura Paulo Gaudenzi e tantos outros que faziam parte da comitiva do Governador, todos dançaram ao som da Filarmônica que encantou a todos com seu repertório inovador. A banda estava presente também na festa de comemoração a Independência da Bahia em Salvador.

No dia 28 de Novembro de 2005 a entidade recebeu 06 Instrumentos do Ministério da Cultura (Funart) através da Casa das Filarmônicas, e no dia 19 de junho de 2006 mais 09 instrumentos da Secretaria de Cultura da Bahia através da Casa das Filarmônicas.

Atualmente a Sociedade Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses, faz em média 03 apresentações por mês e tem um quadro de Músicos de 61 componentes que variam entre 08 e 78 anos, além da orquestra existe também um coral. A entidade conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim, que é responsável pelo pagamento, em convênio do salário dos professores, a renda das apresentações é investida na compra de instrumentos e de fardamentos utilizados nas apresentações. Do ponto de vista estrutural possui uma sala onde acontecem os ensaios, dois banheiros e um depósito onde ficam os instrumentos.

3.2 O PERFIL E O DISCURSO DOS MÚSICOS DA FILARMÔNICA

3.2.1 O Perfil Dos Entrevistados

Quanto ao perfil etário dos 26 alunos-músicos entrevistados 10 (dez) possuem idade entre 12 e 15 anos, sendo que 05 (cinco) possuem idade entre 16 a

20 anos, cinco (05) possuem idade entre 21 a 30 anos, 03 (três) possuem idade entre a 31 a 50 anos e outrso 03 (três) possuem idade entre 50 a 80 anos. Conclui-se que apesar das Filarmônicas não serem tão presentes em nossa sociedade como antigamente, hoje ela ainda atrai alunos de todas as idades, conforme resultado da pesquisa a maioria são jovens. Percebe-se que a maior parte dos músicos (15) possui de 12 a 20 anos de idade.

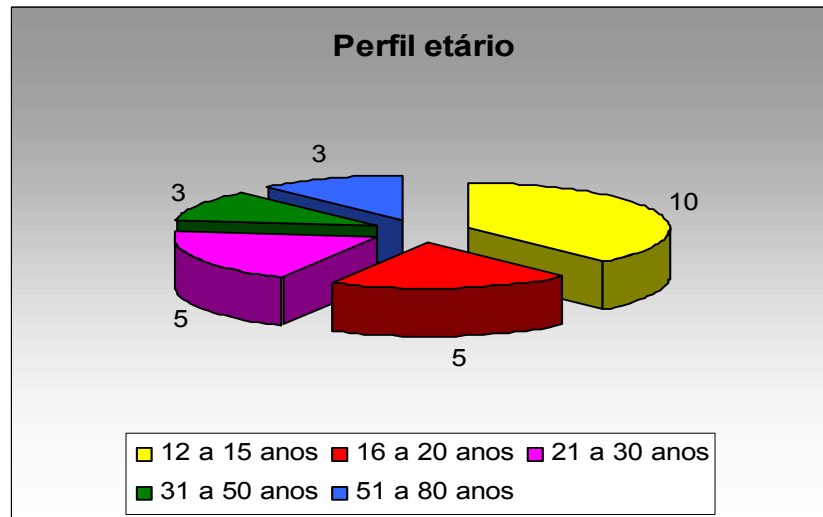


Gráfico 1: Perfil etário

Fonte: Pesquisa realizada (2010)

No que se refere ao gênero, dos 26 entrevistados apenas 04 são do sexo feminino isso se justificaria pelo fato de que as primeiras filarmônicas foram fundadas por militares e até hoje ver-se-ia claramente resquícios de sua criação?

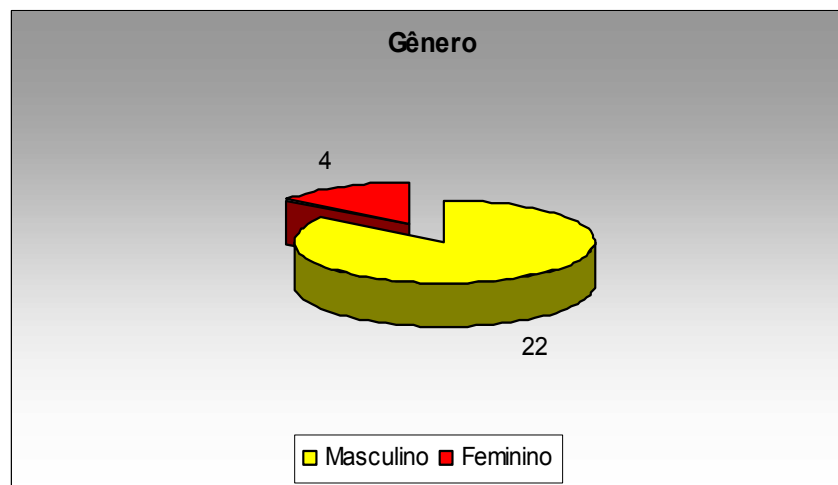


Gráfico 2: Gênero

Fonte: Pesquisa realizada (2010)

Com relação ao nível de escolaridade, 09 (nove) cursam o ensino fundamental e 17 (dezesete) cursam o ensino médio, entre eles 11 trabalham, 13 são estudantes e 2 já estão aposentados.



Gráfico 3: Nível de escolaridade

Fonte: Pesquisa realizada (2010)

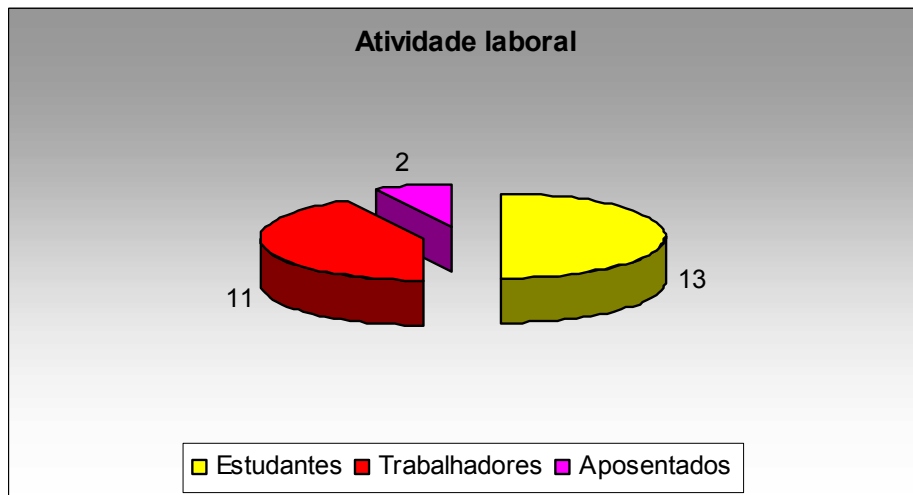


Gráfico 4: Atividade laboral

Fonte: Pesquisa realizada (2010)

Quanto a residência, a maioria reside na grande Gamboa onde esta localizada a filarmônica apenas 6 musicos residem em outros bairros.

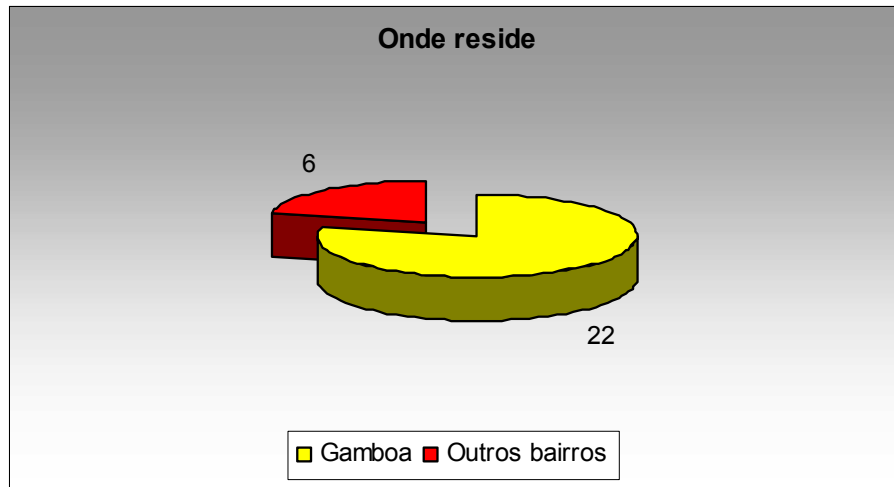


Gráfico 5: Onde reside

Fonte: Pesquisa realizada (2010)

Quanto ao tempo em que estão na escola de música 10 (dez) dos alunos pesquisados estão completando dois anos, 05 (cinco) estão entre três e quatro anos, 06 (seis) estão entre cinco e 07 anos e 05 (cinco) fazem parte da escola de musica há mais de quarenta anos, prevalecendo uma maioria que se encontra a poucos anos na Filarmônica.

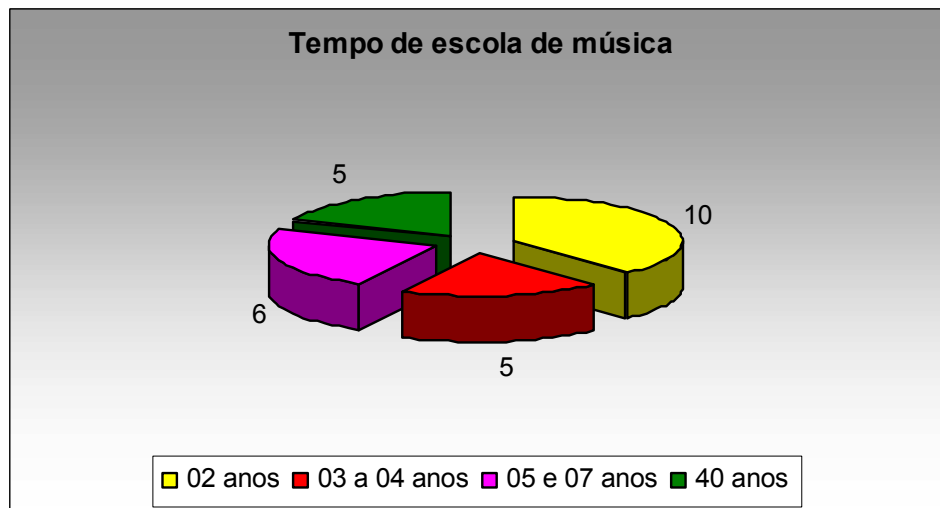


Gráfico 6: Tempo de escola de música

Fonte: Pesquisa realizada (2010)

3.2.2 O Discurso dos Entrevistados

Perguntados o que os teria levado a fazer parte da Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses vimos que foram apontados as seguintes razões: 09 entrevistados falaram do amor, gosto ou paixão pela música, 07 se declararam incentivados pelo pai e família e 06 citaram vontade de aprender a tocar um instrumento.

Essas respostas confirmam o que disseram os teóricos que a paixão pela música é algo muito curioso, pois se o indivíduo não cede a ela no começo de sua paixão, mais para frente isso acaba acontecendo mais cedo ou mais tarde. (PENNA, 2005)

Pagano (1995) afirma que quando existe de fato e de verdade a paixão pela música, o indivíduo melhora suas relações interpessoais..

Já ao serem interrogados quanto a definição que tem de música. Dos entrevistados, 12 destacaram a música ao defini-la como uma arte que expressa ações e sentimentos.

“Música é a voz do coração”.

“Música é minha paixão e minha vida.”

“É a minha vida”.

“Música é alguma coisa de que se gosta”.

“Música é som agradável aos ouvidos”.

“Música é inspiração e criatividade”.

O que se pode arriscar em dizer, como afirma Benett (2003), é que a música agita e muito com o ser humano é uma arte que envolve o indivíduo pela alma é algo ligado ao cósmico.

Cunha (2006) diz que a música, os sons fazem parte de cada segundo de nossa existência, estamos envolvidos constantemente pelo som ou silêncio.

Montello (2004) fala também que desde criança se vivencia estímulos e respostas sonoras, como bater palmas, fazer sons com a vibração da língua e

lábios, podemos dizer com toda certeza que já o corpo humano é um instrumento musical.

De acordo com Cinel (2004) a música não é uma linguagem única, ela respeita povos diferentes e suas culturas, respeita gosto individual, portanto ela permite penetrar no mundo da criatividade, claro se for feito com liberdade, aceitar o improvisado como um ato e “falar” através do som externar sentimentos.

Esta percepção dos entrevistados nos leva mais uma vez a confirmar os discursos que fizemos no quadro teórico segundo a qual a música é uma arte que eleva o homem e o convida a expressar de forma especial a sua vida dos seus sentimentos.

Quanto à questão se a Filarmônica mudou algo na vida do entrevistado e de que forma, vimos que 100% disseram que sim, variando-se em que aspectos se deu essa mudança.

Dez (10) músicos destacaram o aprendizado da responsabilidade, da organização, da disciplina e do convívio com os outros. 04 (quatro) se referiram a aquisição de uma nova profissão, 03 (três) disseram que aprenderam a utilizar melhor o tempo. Chamaram a nossa atenção as seguintes afirmações.

“Mudou sim na forma de pensar, o modo de pensar sobre a vida”

“Sim. me ensinou a conviver melhor em grupo a respeitar opinião e o desejo dos outros”

“Sim. Ajudou bastante a ter responsabilidade, a cumprir horários e a ser mais organizado, também o convívio com outras pessoas”

“Sim. Antes eu ficava muito na rua, ou as vezes em casa sem fazer nada, mas depois que entrei na Filarmônica eu aprendi a ter responsabilidade e cumprir com meus horários”

Por fim, perguntados se viam alguma ligação entre a Filarmônica e o bairro da Gamboa todos afirmam que sim, referindo-se sempre ao fato de que o bairro é de ferroviários e que a Filarmônica ali nasceu e se desenvolveu.

“Sim, a maioria dos moradores do bairro eram Ferroviários e contribuíram de alguma forma para a fundação da Filarmônica”

“Sim, pois as origens dessa entidade misturam as raízes culturais oriundas da Gamboa. Não vejo Filarmônica sediada em outro lugar que não seja no bairro da Gamboa.”

Como uma grande transmissora cultural e social a música pode ser experimentada coletivamente, amortecendo as funções críticas e impelindo as pessoas à ação. Traz uma consciência de cidadania, é contagiante e impregnada de política, ideologia, sem rebuscamentos técnico-musicais, é acessível.

Fica bem claro a importância do ensino sistemático da música destinado a crianças e jovens realizado pela Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses. Essa importância assume significação ainda maior, quando se fala sobre os efeitos positivos da música nas pessoas, e do caráter de instrumento a serviço de uma educação musical preventiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definimos como objeto de estudo a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses, com o intuito de resgatar um pouco da sua história, inserindo-a no contexto das filarmônicas em geral e de forma específica no contexto das bandas de músicas e Filarmônicas de Senhor do Bonfim.

Foi também nosso intuito ouvir os alunos-músicos que formam a referida Filarmônica, identificando aspectos educativos que perpassam o processo de constituição da entidade em estudo.

Servindo-nos de uma perspectiva metodológica qualitativa, desenvolvemos estratégias bibliográficas, história oral e aplicamos um questionário que substitui a contento uma entrevista semi-dirigida já que fomos a isto impedidos pela exiguidade de tempo.

Os resultados apresentados validam a importância desse trabalho de conclusão de curso a medida que oferece novos subsídios a atualmente incompleta historiografia musical do município e permite que atores sociais diretamente envolvidos com a Filarmônica produzam um discurso significativo sobre a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses.

Sentimo-nos prejudicados pela ausência de pesquisa e publicações específicas sobre o tema. Este fato contudo confirma o acerto de nossa escolha temática, abrindo-se ao curso de pedagogia do Campus VII a possibilidade de aprofundar os aspectos educativos relevantes de uma Filarmônica genuinamente Bonfinense e que foram por nós indentificados e analisados.

REFERÊNCIAS

- BAÑOL, Fernando Salazar. **Biomúsica**. São Paulo: Ícone, 2003.
- BENETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BRÉSCIA, Vera Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas: Átomo, 2003.
- CINEL, Nora Cecília Bocaccio. **Linguagem musical**. Revista do Professor. Rio Pardo: CPOEC, v. 20, n°. 79, p. 5-8, Jul./Set. 2004.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- DUCOURNEAU, Gérald. **Introdução à musicoterapia**. São Paulo: Manole, 1984.
- ESTEVÃO, Vânia Andréia Bagatoli. **A importância da música e da dança no desenvolvimento infantil**. 42f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS. Assis Chateaubriand – Pr, 2002.
- FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem**. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS. Assis chateaubriand – Pr, 2001.
- GAINZA, V. H. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 2008.
- GALIANO, G.A. **O Método Científico: Teoria e Prática**. 2ª ed. São Paulo: Harba, 2001.
- HOWARD, Walter. **A música e a criança**. São Paulo: Summus, 2004.
- JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- LACERDA, Guilherme. **Ferrovias: um projeto para o Brasil**. Brasília: CIP, 2005.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MALAVAZI, Gabriela. **A importância da utilização da música como recurso em contextos psicoterapêuticos**. Disponível em http://www.pucsp.br/clinica/boletim10_05.htm. Acesso em 12 mar 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MARZULLO, Eliane. **Musicalização nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. DE S. (org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTELLO, Louise. **Inteligência musical essencial: a música como caminho para a cura, a criatividade e a plenitude radiante**. São Paulo: Cultrix Ltda. 2004.

PAGANO, Letícia. **Noções de pedagogia musical: didática geral e elementos da educação musical**. São Paulo: Ricordi, 1995.

PENNA, Maura L. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 2005.

RIZZO, Gilda. **Jogos Inteligentes: A Construção do Raciocínio na Escola Natural**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ROSA, Sanny S. da. **Brincar, conhecer, ensinar**. São Paulo: Cortez, 2000.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: UNESP, 2002.

SILVA, Adolpho. **Bonfim, terra do bom começo**. Salvador: Mensageiros da Fé Ltda, 1971.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

STEFANI, Gino. **Para entender a música**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

TOLEDO, Vera Vilenha, **A riqueza nos trilhos: História das ferrovias no Brasil**. São Paulo Moderna, 1998.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MÚSICOS DA FILARMÔNICA UNIÃO DOS FERROVIÁRIOS BONFINENSES.

Este questionário objetiva coletar dados e informações para uma pesquisa que problematiza PROCESSOS EDUCATIVOS CONSTRUÍDOS EM UMA FILARMÔNICA. Por uma questão ética as respostas e as declarações do entrevistado ficarão ao restrito acesso da entrevistadora.

Desde já agradeço sua valiosa colaboração.

Idade: _____.

Sexo:

Feminino

Masculino

Nível de escolaridade:

Alfabetizado

Superior Completo

Ensino Fundamental

Superior Incompleto

Ensino Médio

Não Alfabetizado

Trabalha?

Sim

Não

Em que Bairro você reside?

Há quanto tempo você faz parte da Sociedade Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses?

O que levou você a fazer parte da Filarmônica União Dos Ferroviários Bonfinense?

Como você define a música?

A Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses mudou algo em sua vida? De que forma?

Você acha que a Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinense tem alguma ligação com o bairro da Gamboa? Justifique.

ANEXOS



Filarmônica União dos Ferrovários Bonfinenses
1954 – Em frente ao Colégio Maristas – Senhor do Bonfim



Filarmônica União dos Ferrovários Bonfinenses
1978 – Em frente à sede da Filarmônica



Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses
2003 – Apresentação na Praça Nova do Congresso



Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses
2001– Ensaio da Filarmônica



Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses
2003– Encontro de Filarmônicas em Jacobina - Bahia



Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses
2005– Apresentação da Câmara de Vereados de Senhor do Bonfim



Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses
1ª sede



Filarmônica União dos Ferroviários Bonfinenses
Reforma em 2000

POR ESTAS BANDAS

A música superando barreiras

Última sobrevivente das quatro filarmônicas que havia na cidade de Senhor do Bonfim (BA), a Sociedade Filarmonica União dos Ferroviários Bonfinenses, luta com muita garra, e música também, para continuar em atividade.

Fundada por ferroviários do município há 48 anos, já passaram várias gerações de músicos pela filarmônica, que, além de manterem a chama musical de Senhor do Bonfim acesa, contribuem para a formação de crianças e adolescentes carentes da cidade.

O objetivo do projeto era ensinar música para um grupo de jovens, mas devido ao sucesso da empreitada, hoje, as aspirações são maiores. Funcionando com sede própria, a Sociedade Filarmonica União dos Ferroviários Bonfinenses pretende também dar aulas de informática e línguas estrangeiras, tentando oferecer cada vez mais incentivo à formação de músicos – as crianças que se interessarem em aprender um instrumento, e levarem a sério o estudo, poderão cursar também informática e línguas gratuitamente.

Alcançar esta meta não é uma

Divulgação



Além de ensinar música, o projeto ainda oferece aulas de informática e línguas para quem levar o estudo a sério

tarefa fácil. É necessário apoio permanente da comunidade para continuar funcionando. Mas o que pode ser complicado para uma filarmônica que conta com a contribuição do regente Ednaldo Matos de Araújo?

Um homem que mesmo sofrendo de perda auditiva irreversível, ainda continua cheio de garra e em atividade, trabalhando para formação de novos músicos brasileiros.